

Mídia e Ação Pedagógica: possibilidades de encontro

Gustavo Roes Sanfelice

Professor Mestre; Pesquisador
sanfeliceg@feevale.br
Centro Universitário Feevale, RS

Denise Castilhos de Araujo

Professora Doutora; Pesquisadora
deniseca@feevale.br
Centro Universitário Feevale, RS

Resumo

Como refutar a presença da mídia na sociedade contemporânea? Rejeitar as mídias é rejeitar a técnica enquanto benefício do ser humano. As novas tecnologias, como a Internet, são aliadas na disseminação de informação, enquanto elementares na construção do conhecimento, mas é a televisão que ainda é uma das ferramentas essenciais para manter os indivíduos conscientes do que acontece ao seu redor. Nesse sentido, propomos uma abordagem pedagógica para superar o uso das mídias como recursos auxiliares de um ensino preocupado com ilustrações, sendo uma possível representação da realidade.

Palavras-chave: Mídia, Escola, Representações sociais.

Introdução

Este artigo é uma reflexão acerca da inevitável presença da mídia como ferramenta didática. Ou seja, a prática do professor deve utilizar recursos que vão além do livro didático, e onde mais encontramos a realidade? Onde podemos identificar temas geradores de discussões, de tomada de consciência por parte dos alunos e professores? A mídia tem se mostrado como um objeto de estudo não só na Comunicação, como também para a Educação, pois reflete e reproduz questões do cotidiano.

Pretende-se com este texto apontar para as possibilidades de identificação de alguns temas geradores de discussão, assim como a utilização de recursos audiovisuais para a produção de material para posterior discussão em sala de aula.

Como primeiro ponto a ser abordado nesta discussão, destaca-se a relação íntima e necessária contemporaneamente entre as mídias e a escola. Para muitos críticos é um devaneio pedagógico relacionar as mídias com o contexto escolar. Entretanto é esse devaneio que é o epicentro de possibilidades de encontro que se propõem para este texto.

A pragmática dos antagonismos é evidente na história da Humanidade. O homem e a mulher; o sadio e o doente; o educado e o deseducado; o belo e o feio; e o mais célebre: o bem e o mal. Nesse sentido, quase um maniqueísmo transcendental, que perdura em todas as relações do ser humano, é que se faz a crítica aos antagonismos. Seguindo essa ordem social, é possível afirmar com veemência que as mídias não são nocivas ao indivíduo. Seu poder manipulador, revelado pela célebre escola de Frankfurt, mais conhecida pela sua Teoria Crítica, apregoava que as massas eram manipuladas pelos aparatos técnicos, que tinham como lógica interna a relação clássica marxista: produção – circulação – consumo.

Em meados dos anos 40, Adorno e Horkheimer criam o conceito de indústria cultural. Analisam a produção industrial dos bens culturais como movimento global de produção da cultura como mercadoria. Os produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos, as revistas, ilustram a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou os projetos de urbanismo. A civilização contemporânea confere a tudo um ar de semelhança.

O conceito *Indústria Cultural* trata da produção em série, da homogeneização e, em conseqüência, da deterioração dos padrões culturais. A exploração comercial de bens considerados culturais reforça a dominação técnica imposta pelo sistema, gerando passividade. A cultura, como intervenção técnica e os meios de produção em massa, perde sua "aura" e passa a ser mercadoria, descaracterizada enquanto manifestação artística. Moldada para agradar aos padrões da massa consumidora, a cultura de massa rebaixa o nível dos produtos artísticos. Além disso, a relação entre artista e público é intermediada por técnicos. Os produtos são carregados de ideologia dominante e provocam conformismo (Sanfelice et al., 2004).

As críticas aos meios de comunicação de massa se intensificam com o aparecimento da televisão, que se difundiu mundialmente e se tornou o meio massivo de maior importância no tecido social. Essas críticas perduram até o século XXI, chegando aos dias de hoje com um certo tom de *revival*. Como toda e qualquer novidade tecnológica que surgiu na história da humanidade, as desconfianças são recorrentes.

Não há como negar que os aparatos técnicos cada vez mais capturam a experiência humana, tornando nossa cotidianidade intensamente mediada pela mídia. Isto decorre do efeito da simulação ou a performatividade dos dispositivos midiáticos, sua capacidade de antecipar, modelar e substituir o real. Natureza ortésica e protésica, a partir da tecnicidade moderna, ao dotar-se de dispositivos que substituem os órgãos sensoriais da percepção da realidade.

Como refutar a presença da mídia em nossa sociedade contemporânea? Ou melhor: por que refutá-la? Rejeitar a mídia é rejeitar a técnica enquanto benefício do ser humano. Os aparatos técnicos em sua grande parte surgiram para beneficiar o ser humano. Se entrássemos na lógica da repulsa, desde o surgimento do garfo como meio técnico de apreensão dos alimentos, estaríamos ainda comendo com as mãos. Ainda que alguns recursos técnicos sejam maléficos para a humanidade, como a bomba atômica e outros recursos bélicos, temos que levar em conta que a técnica vem a ser um elemento central no desenvolvimento da humanidade.

A defesa da mídia é um ponto essencial neste texto, a fim de que se possamos romper as barreiras antagônicas que separam a escola da mídia. Esse desencontro é desconfigurador da nossa proposta, não sendo esta inédita, de tornar a mídia um recurso educativo no meio escolar.

A mídia na escola e para a escola

As novas tecnologias, como a Internet, são aliadas na disseminação de informação, enquanto elementar na construção do conhecimento. A televisão é uma ferramenta essencial para manter os indivíduos conscientes do que acontece no mundo, no país, na região, nos municípios e, até mesmo, no comércio da esquina.

A produção midiática faz recortes de contextos sociais e edita os fatos de acordo com a sua forma. O conteúdo é tratado dentro da lógica midiática, que na maioria das vezes não atende as demandas dos indivíduos por completo. O programa telejornalístico foi muito violento, a produção musical da minha rádio preferida está tocando músicas que não fazem parte de meus gostos pessoais. O jornal de meu estado está sendo tendencioso na cobertura das eleições municipais, dentre outros exemplos que se poderia ofertar como forma de demonstrar a insatisfação quanto ao conteúdo e à forma da produção midiática.

Essa consciência, que parece ser coletiva, para muitos é restrita a uma pequena parcela de pessoas chamadas de "intelectuais", e é disseminada em todas as camadas sociais, por todas as partes do globo, não sendo exclusividade dos analistas.

A escola, finalmente, entra nesse processo como um lugar de tematização e discussão desses conteúdos e formas midiáticas. O professor, que muitos profetizaram que desapareceria com o advento da Internet e dos telecursos, tem papel central nessa relação dialógica entre a oferta midiática e o contexto escolar.

Ofertar um olhar crítico sobre a mídia é discuti-la enquanto constituinte do sistema, não descaracterizando a sua apreciação do contexto escolar. As mediações feitas pelos professores, quanto ao conteúdo educativo permanecerão, porém aceleradas pela mediação do campo midiático, que circula no lar das crianças, que tematizam não só as discussões com os amigos da rua, mas também as brincadeiras, bem como a cultura infantil.

Muito mais do que saber lidar com as tecnologias é necessário saber lidar com o seu contexto. A alienação à exposição da televisão é discurso que não ressoa mais como uníssono, pois este meio técnico é um importante facilitador dos professores. Nesse sentido, Ferrés (1996) destaca que o que era causa de alienação será oportunidade para formação. O que era convite à hipnose passará a uma provocação para reflexão crítica, com a televisão transformando-se em um meio que enriquece.

Se assim considerarmos, os professores terão que tematizar a mídia. Logicamente, fala-se do seu conteúdo que poderá ser trabalhado no contexto escolar. Os temas geradores de Paulo Freire são a materialização dessa proposição. Porém, os temas geradores devem partir da realidade do aluno, relacionando com os conteúdos propostos pelo professor. Nesse sentido, Porto (1998) enfatiza que a partir da presença dos

meios massivos e eletrônicos, surge um alerta para os educadores no que diz respeito à transmissão/construção de conhecimentos, valores, conceitos e culturas. Além disto, Duarte et al (2004) salienta que o estudo das relações entre mídia e crianças e adolescentes “pode ajudar a compreender o papel que as mídias desempenham no cotidiano delas(...) e em seus processos de construção de conhecimentos” (Setton; Franco; Duarte; et al., 2004, p. 38). Esse bombardear de informações que chegam sob diferentes apelos sensoriais, devem ser problematizados pelos professores, auxiliando-os, assim, a compreender as apropriações realizadas pelos seus alunos.

É necessário destacar aqui a diferença entre o termo comunicação, ou meios de comunicação e mídia. Comunicação, ou meios de comunicação, remetem a qualquer tipo de linguagem que possa ser compreendida – significada - por mais de um indivíduo. Nesse sentido, consideramos a expressão gestual e corporal como uma forma de comunicação, bem como a fala, a escrita, as artes. Doravante esse tipo de comunicação, que se dá na forma dos mais diversos processos, interessa aos professores. Porém, a intenção com esta reflexão está nos meios técnicos, aqueles que operam através de diferentes formas de linguagem, vários processos comunicacionais.

Para este estudo, não interessa especificamente a presença dos diferentes veículos midiáticos, como o jornal, o rádio, a televisão, a Internet, a revista na escola, mas, sim, os seus conteúdos que, muitas vezes, são receitados fora da escola. Nesse caso, passa ao largo dessa discussão um importante tema que mereceria destaque: a inclusão digital.

Nesse sentido, defende-se aqui uma proposição do ex-ministro da Educação Cristovam Buarque, ao salientar que, antes de prover todas as escolas de computadores e demais aparatos tecnológicos, dever-se-ia prover todos os professores de, no mínimo, um computador para que estivessem conectados com o mundo e com suas regiões. Com isso, este professor poderia ser um transmissor- mediador- crítico das informações circulantes.

A semântica é elemento central no processo de ensino-aprendizagem. Dentro dessa perspectiva, o professor ainda tem um papel central no contexto escolar. Ele não é significado nem significante, ele é um interpretante e resignificante dos conteúdos veiculados na mídia. Ele seria um grande mediador das relações interpessoais, bem como midiáticas. Não se trata de dar linearidade ao conhecimento, mas, sim, tematizar os conteúdos, propor temas geradores que venham a dar conta da produção do conhecimento para e pela mídia.

O professor auxiliaria seus alunos a educarem o olhar, a interpretação, a percepção das manifestações culturais do mundo, a partir dos valores sociais contextualizados com a cultura do aluno. Nesse particular, Porto (1998) defende que é importante que a escola defina, não de antemão, o que é significado ou não para o aluno, em função de sua cultura de origem, mas considere os diferentes segmentos culturais presentes na escola. Com isso, os significados para os alunos surgem e são construídos a partir das experiências deste, respeitando as iniciativas do professor.

A compreensão das linguagens midiáticas é um desafio a ser superado. Uma imagem pode ter vários significados, bem como uma fala, dependendo do contexto, entonação de voz, assim como a expressividade facial, que pode ter múltiplos significados.

Em meio a estes fatores, Porto (1998) destaca os desdobramentos comunicacionais que as linguagens das mídias propiciam. A relação da escola e da mídia precisa ir além da formação do receptor crítico (educação para a mídia), cuja principal preocupação é com a relação lúcida de usuário com o meio de comunicação. Uma abordagem pedagógica precisa superar o uso das mídias como recursos auxiliares de um ensino preocupado com ilustrações, sendo uma possível representação da realidade.

Por sua vez, é preciso auxiliar os alunos a semantizarem a sociedade como um todo, não somente a mídia, até porque esta se apropria de contextos e faz a sua leitura editada, ou seja, com recortes.

A partir disso, apresenta-se dez exemplos de temas geradores, partindo da sociedade para a mídia e desta para a sociedade resemantizada:

- 1) Corpo e sexualidade;
- 2) Drogadição;
- 3) Relação familiar;
- 4) Relações entre os poderes (executivo, legislativo e judiciário);
- 5) Preservação ambiental;
- 6) Questões étnicas e raciais;
- 7) Violência;
- 8) As artes;
- 9) Os esportes;
- 10) Aspectos históricos.

Não sendo possível elucidar todos estes temas geradores destacados, propõem-se a leitura de alguns, como forma de materializar essas possíveis operações.

Dois temas serão tratados com maior atenção nesta reflexão: o corpo, sexualidade e a violência. A intenção é defender a idéia de que se pode trabalhar com mais de um tema a partir de um único assunto.

De que forma discutir-se-ia a evolução do ser humano na História, sem discutir o seu corpo, ou melhor, as concepções de corpos que acompanharam as transformações sociais e culturais. A história do ser humano (aqui fica a resistência de chamar de homem) é intimamente ligada à história do corpo.

Para a mídia, a beleza feminina é uma qualidade fundamental. A propaganda em jornais, revistas e televisões no mundo ocidental mostram esta realidade. Tal realidade produzida vende e fatura com a

exploração do corpo feminino, não se preocupa ou questiona o fato de que a beleza não ocupa uma parte central na vida de muitas mulheres.

Nas análises de Lipovetsky apud Couto (2001), grande parte das mulheres é influenciada pelo ideal de beleza criado e enfatizado pela mídia. De acordo com os modelos que estão sendo veiculados por ela, observa-se a manutenção das características individualistas, que se manifestam atualmente na busca do completo bem-estar.

A busca pela auto-estima, o medo de parecer alguém diferente ou grotesco, perante os outros seres semelhantes, a identificação com algum grupo social, ou mesmo com um determinado estilo de vida, podem ser variantes que motivam os seres humanos a modificarem seus corpos. Pois, de acordo com Garboggini (2003, p. 144):

(...) a mulher só obterá sucesso profissional e pessoal se for bonita e perfeita, de acordo com os padrões estabelecidos pela mídia. A beleza passa a ser condição para que ela avance profissionalmente. Esse ideal de beleza determinado parece inatingível e faz com que as mulheres se sintam inseguras ou menos valorizadas

E esta mulher é aquela anunciada, na maior parte das vezes, na mídia, ela é facilmente admirada e reproduzida pelas demais mulheres da sociedade, inclusive as mais jovens, que desde cedo aceitam certos padrões estéticos, e almejam alcançar as características que são mencionadas na mídia, estabelecendo estereótipos corporais e psicológicos.

Nesse processo de estereotipação de corpos, o professor tem papel central na escola para propor uma discussão. Pois, se os corpos são midiáticos a todo o momento, sendo que os padrões, ou melhor, o padrão, cada vez mais se institui via mídia, então o professor pode ser alguém que estimule a discussão, analisando as informações que são passadas pela mídia, capacitando os alunos a perceberem a influência que a mídia tem exercido na vida dos indivíduos.

O debate acerca dos corpos veiculados é fundamental para se iniciar um processo de despadronização. Os temas geradores, a partir do corpo, suceder-se-ão, envolvendo-se na mesma temática a questão da sexualidade, tão discutida em diversas instituições. Por outro lado, a escola sempre se torna um lugar de imbricações de diversos valores e interesses de vários segmentos sociais. As telenovelas, cada vez mais, exercem um papel didatizador da sexualidade, como exemplo é possível ver a presença de temas como a gravidez juvenil, o qual tem sido recorrente nos roteiros destes programas. Isto se torna fonte de estímulo ao debate no meio escolar, que muitas vezes é a única possibilidade dos jovens esclarecerem-se em relação ao assunto, pois em suas casas as barreiras culturais impedem que o façam, diferente da escola, a qual estimula, muitas vezes essas conversas entre alunos e professores.

As questões étnicas e raciais também foram mencionadas como possíveis temas geradores, e se conectam com as questões históricas. A televisão utiliza-se das telenovelas e das mini-séries para tematizar debates em torno de questões étnicas e raciais. Como exemplo, pode-se tomar a telenovela brasileira *Escrava Isaura* (adaptação livre do romance de Bernardo Guimarães), veiculada em 1976, pela Rede Globo, foi, também, apresentada em vários outros países do mundo, reprisada no Brasil, bem como regravada e, reapresentada

em um canal da televisão aberta (Rede Record)¹. Esta telenovela trata de um tema específico (escravidão – discriminação racial e social), e retrata um período histórico do Brasil (período escravagista – séc. XVIII e XIX).

Como aspecto negativo das produções midiáticas, destaca-se o grande número de empregadas domésticas e de motoristas representados por atores negros. Isto é uma posição predeterminada pela sociedade brasileira e tem uma significação que não apenas a da representação do ator ou da atriz, mas o lugar social imposto ao negro, no Brasil, herança de um período histórico já mencionado, mas que ainda parece ter resquícios na sociedade atual. Neste sentido, pode-se presumir que se trata de racismo por parte do autor e/ou diretor da novela, ou, ainda, um retrato da desigualdade social que se mantém no Brasil há muito tempo, levando, mais uma vez, os receptores a perceberem esta como uma possível verdade do país – o negro deve freqüentar certos lugares, deve ter certos empregos, normalmente menos importantes que os brancos (ainda que se perceba em uma ou outra telenovela negros protagonistas, ou interpretando personagens bem sucedidos).

Estes exemplos que se traz, insistentemente, não são necessariamente circunscritos a práticas escolares, porém estão diretamente relacionados à cultura da sociedade brasileira, à cultura do aluno, com o qual se trabalha a linguagem que é usual e que se relega. Essa evidência só é possível graças à profundidade das mídias na nossa sociedade.

Utilizar apenas o livro didático como ferramenta para auxiliar na prática pedagógica trata-se de um atentado à diversidade. E, baseando-se neste precepto, Barbero (1998, p. 216) destaca:

La actitud defensiva de la escuela y del sistema educativo desemboca en el más completo desconocimiento de que el desafío de fondo que el ecosistema comunicativo le plantea a la educación no es sólo la apropiación de un conjunto de dispositivos tecnológicos, sino la emergencia ahí de otra cultura: otros modos de ver y leer, de percibir y de representar. La actitud defensiva se limita a identificar lo mejor del modelo pedagógico tradicional – la reflexión, el análisis, la argumentación – con el libro, anatematizando el mundo audiovisual como mundo de la frivolidad, de la alienación y la manipulación.

Na fala de Barbero, identifica-se a negação do simplismo e apenas ao uso do livro como recurso pedagógico. Somente a linguagem escrita não dá conta das possibilidades de significação circulantes na sociedade, nas mais diversas instituições. A esterilidade da fonte escrita como única forma de significação não é contemporânea. O ser humano, através da arte, se expressa continuamente, tendo nesta um lugar que permite tudo, desde barbáries até a Santa Ceia. O livro didático só é didático em função da leitura do mundo que seu escritor faz.

Assim, além do conteúdo midiático promover temas geradores na sala de aula, é possível, também, trabalhar com a produção através de diversos dispositivos. A possibilidade da produção geraria um aporte audiovisual para que se possa iniciar um ensaio de produção educativa. Para tanto, não se deve pensar em

¹ <http://dirce.globo.com/Dirce/canal/0,6993,IP688-700,00.html>, acessado em 26/12/2005.
<http://www.rederecord.com.br/frameset.asp?prog=programas/aescravaisaura/> acessado em 26/12/2005.

grandes ilhas de edição de televisão ou rádio, pois apenas uma filmadora, ou um gravador poderia gerar um trabalho coletivo, o qual serviria como fonte de discussões entre os alunos. E estas produções, realizadas com e pelos alunos, a partir de certos conteúdos, serviriam de suporte para o processo de ensino-aprendizagem.

A possibilidade de se produzir criticamente, a partir de um tema específico, faz com que os alunos trabalhem com mais de um tipo de linguagem. A expressividade poderá torna-se maior em função de uma produção coletiva, pensada a partir da escola, mas arraigada na família, ou na política e em outras instituições nas quais se oferecem sentidos.

A linguagem cênica, muitas vezes, expressa mais do que a escrita. O entrevistador quer saber para isso ele estabelece um roteiro de questões para a entrevista, que ainda terão que ser interpretadas e discutidas pelos editores, que neste caso também serão alunos. Esses exemplos tencionam o lugar do sujeito no processo de ensino-aprendizagem, a partir de uma produção, seja audiovisual, seja radiofônica.

A passividade do processo de ensino-aprendizagem da escola tradicional, na qual havia um emissor (professor), código (livro didático), canal (fala do professor), uma mensagem (conteúdo) e um receptor (aluno), assemelha-se com o modelo linear de comunicação de Claude Shannon EMISSOR – CÓDIGO – CANAL – MENSAGEM – (RECEPTOR).

Considerações finais

A comunicação avançou e, contemporaneamente, compreende-se que o indivíduo pode constituir-se em todas essas etapas. Assim, a educação que se baseia apenas na relação clássica professor-aluno e está centrada apenas nos livros como meio, deixa lacunas na compreensão do mundo e dos sujeitos que serão preenchidas em outro lugar que não na escola, sendo que não necessariamente a partir dos valores sociais comungados como coletivos.

A partir do final do século XX, a escola deixa de ser um lugar de aprender a ser, mas começa, ou, deveria começar a ser, um lugar de se aprender a viver no mundo e não pelo mundo.

A intenção desta reflexão foi justamente propor à escola, e aos professores, a valorização da mídia na sala de aula, não só como instrumento de discussão, mas como ferramenta de construção de realidades, baseadas em conteúdos de interesse dos alunos, estimulando, desta forma, a consciência crítica, a opinião pessoal, muitas vezes renegada pela escola e pela mídia.

Referências

- COUTO, E. S. et al. 2001. Gilles Lipovetsky: Estética corporal e protecionismo técnico higienista e desportista. In: J. C., GRANDO, A (*des*)*construção do corpo*. Blumenau, Edifurb.
- FERRÉS, J. 1996. *Vídeo e Educação*. Tradução de Juan Acuña Llorens. Porto Alegre, Artes Médicas.

- GARBOGGINI, F. B. 2003. Era uma vez uma mulher margarina... *In: M. I., GHILARDI-LUCENA, Representações do feminino*. São Paulo, Editora Átomo.
- MARTÍN-BARBERO, J. 1998. De la comunicación a la filosofía y viceversa: nuevos mapas, nuevos retos. *In: Mapas nocturnos: diálogos com la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá, Siglo del Hombre Editores, Universidad Central.
- PORTO, T. M. E. 1998. Educação para a Mídia/Pedagogia da Comunicação: caminhos e desafios. *In: Pedagogia da Comunicação: Teorias e práticas*. Org. Heloísa Dupas Penteado. São Paulo, Cortez.
- SANFELICE, G. R., MYSKIW, M.; BARCELONA, E. M. 2004. *Educação Física e Comunicação Social: aproximações e tensões*. Intercom, Porto Alegre/RS, 2004.
- SETTON, M. da G. J., FRANCO, M., DUARTE, R. et al. 2004. *A cultura da mídia na escola – ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo, Annablume, USP.